

frente&verso

documentos periódicos de construção

ISSN 2182-8237

**edifício de habitação
Cais do Cavaco
João Paulo Loureiro**

23

CI'AMH
CENTRO DE INOVAÇÃO
ARQUITECTURA
E MODOS DE HABITAR





editorial Carlos Nuno Lacerda Lopes

Estratégias de pensar, ideias para o habitar

Projetar habitação coletiva em Portugal nestas últimas décadas tem permitido, a muitos arquitetos, desenvolver outras e diferentes possibilidades de articulação de espaços e funções comuns, tidos como invariáveis nos programas de habitar convencionais.

Quartos para dormir, salas para socializar, cozinhas para cozinhar e sanitários para cuidar da higiene pessoal, leva-nos a dizer que o programa da casa pouco ou nada evoluiu nestas últimas décadas, senão séculos. Contudo, o que se verifica é que hoje a casa é algo cujas invariantes se restringem mais a aspetos formais e funcionais do que propriamente de uso e de significação ou relação.

Habitar é, hoje, um paradigma pouco sólido, capaz de espelhar a própria instabilidade social, familiar, económica e de emprego que as estruturas sociais apresentam, cada vez mais voláteis e cada vez mais adaptadas a uma mobilidade que se fez desejo e que se tornou um estilo de vida.

Genericamente – e é sempre arriscado generalizar – podemos considerar que as habitações na atualidade tendem a reproduzir ou a traduzir este sentido de comunicação de estilos de vida em vez de reproduzirem os modos de vida dos seus interlocutores ou utilizadores.

O estilo tem vindo a sobrepor-se de um modo audaz e pertinente sobre os modos de vida dos utentes e, desse modo, percebemos que o habitar se transforma num processo de verosimilhança ou de aproximação a estratégias conceituais ou de comunicação, mais do que do conhecimento ou da pertinência da sua criação e da sua justificação.

Por isso é frequente recebermos a proposta de “habitar-mos entre o verde”, termos a casa “entre o céu e a terra”, vivermos nos paraísos, no sonho e no desejo transformado em pedra e cal. São vários os estratagemas que o marketing coloca à disposição do promotor para, de um modo por vezes irreal, outras vezes criativo, outras até cruel, apresentar a casa como um produto ou um sistema de comunicação e de promoção que, deste modo, se afasta significativamente do que os arquitetos geralmente pensam e que em geral vertem para os seus projetos.

Para o arquiteto, o pensamento sobre o edifício de habitação traduz um outro tipo de visões e um outro tipo de problemas, que se colocam e que estão seguramente para além destes conceitos e destas estratégias de enquadramento alicerçadas em visões por fundamentar acerca daquilo que o mercado quer e que o arquiteto, quantas vezes, não quer sequer saber.

“Habitar é, hoje, um paradigma pouco sólido, capaz de espelhar a própria instabilidade social, familiar, económica e de emprego.”

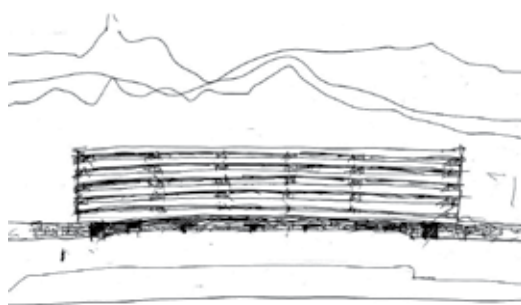
Ainda bem que há mundos diferentes e preocupações diferentes. O olhar do investidor tem na habitação uma expressão de reprodução e aumento dos valores do capital investido; o promotor pensa a casa de outro modo; o construtor vê o processo e os modos de a executar, as possibilidades de alteração e de otimização, os materiais e sua garantia; e os nossos reguladores, licenciadores e fiscais têm uma série de outras verdades e de exigências que obrigam a processos criativos e surpreendentes para que a “casa” se torne possível e mais tarde habitada.

A ideia de que a arquitetura deve exultar de um pro-



fundo conhecimento das condições de vida dos utentes que a irão habitar parece, neste contexto, algo ingénuo e pouco credível. São vários os atores que intervêm neste processo que se torna dia após dia mais complexo e com novos intervenientes que remetem o pensamento concreto sobre o projeto, o habitar e o construir para uma nova dimensão.

O arquiteto, neste processo, move-se entre a produção acrítica dos espaços para Habitar e a experimentação crítica de novas relações no habitar. Para o arquiteto, projeto é um processo instável e inseguro onde a bela teoria não parece ser, agora e novamente, a coisa mais prática de que dispõe: há novas exigências e novos skills que o arquiteto, para arquitetar, deverá reaprender de modo a ser possível aproximar o seu saber exclusivo e distinto das indistintas e diversificadas solicitações.



É precisamente este e outros universos que a obra Cais do Cavaco (2005-2012) de João Paulo Loureiro explora, apresenta e confronta. E é por isso exemplar, procurando dar resposta às atuais e diferentes dimensões do habitar, do projeto, da construção e do ser arquiteto como aquele que sabe, resolve e constrói, não só edifícios mas também estilos de vida e verdadeiros modos de habitar.

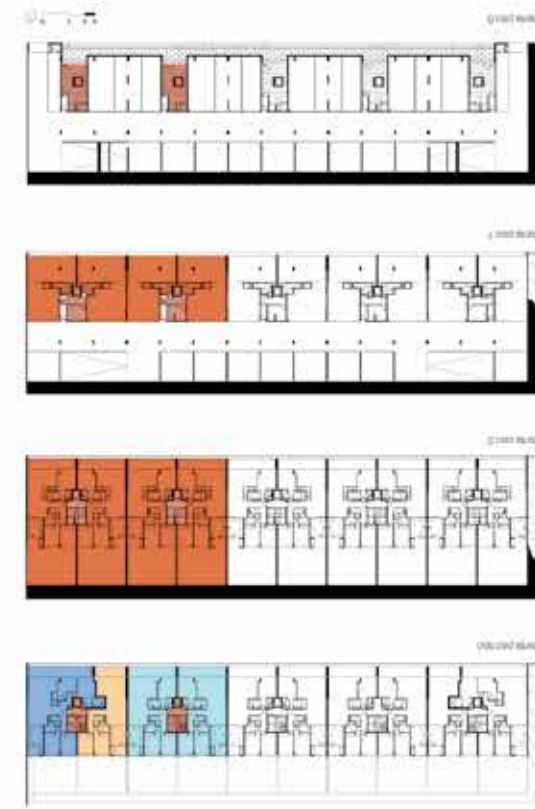
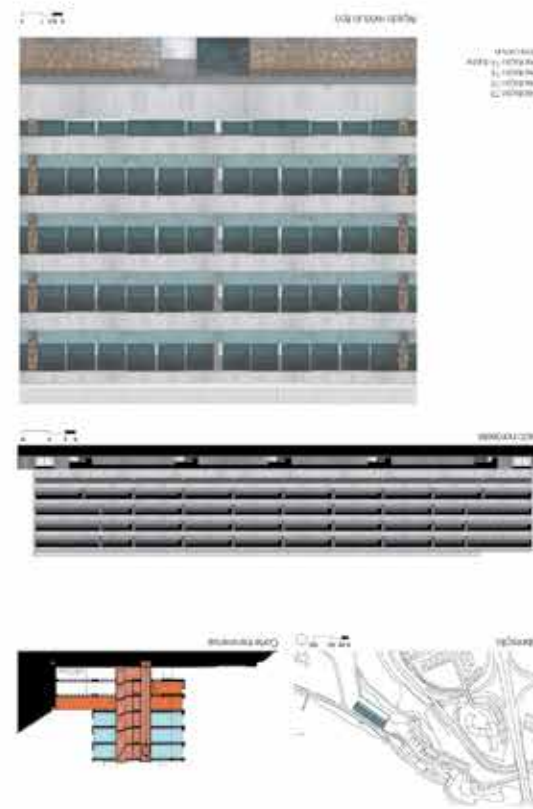
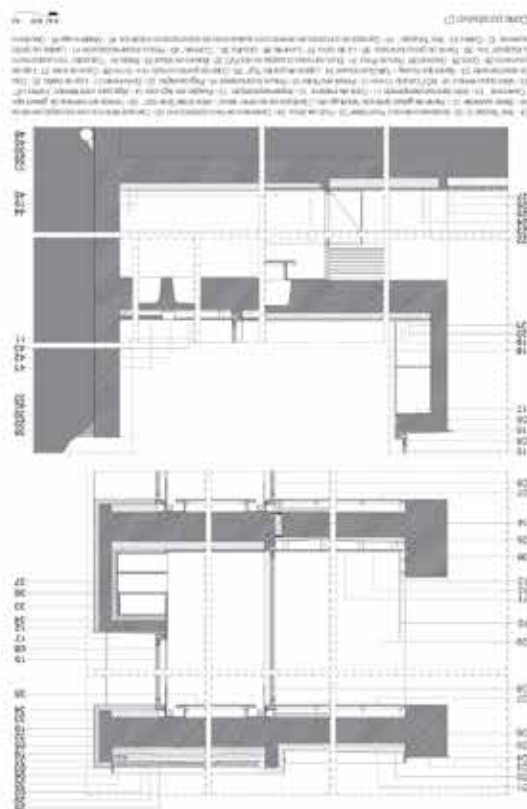
da obra Carlos Nuno Lacerda Lopes Diálogo entre natureza e cidade

O objetivo de qualquer arquitetura passa, em parte, por criar diálogo e relações com a sua envolvente. E se umas vezes são “amenas conversas”, outras são vigorosas discussões. Situado numa zona muito particular de Gaia, na marginal do rio Douro, numa secção entre pontes e com o enquadramento da escarpa, o edifício Cais do Cavaco desenvolve-se num duplo diálogo entre o natural e o construído, entre a geometrização da forma e as formas por geometrizar.

Num total de 40 fogos, o edifício conjuga numa composição entre tipologias T2, T3, T4 e T4 duplex, apresentando uma vasta gama de ambientes e possibilidades para os diferentes modos de vida.

A fachada norte é composta por uma varanda contínua, com leitura horizontal marcadamente assumida, tirando partido da localização, do enquadramento e do lugar, romanticamente invocando a ideia de “habitar o rio”, num gesto que se desenha para viver. Um contacto próximo com a natureza se denota: edifício e colina são, neste sentido figurativo, a mesma coisa, não pela concordância visual, mas porque se encontram relacionados nos mais ínfimos detalhes: na geometria que se solta do terreno e se quer formar; na natureza que “invade” as habitações pelas aberturas; nos materiais com sentido tectónico tão distintos, que se misturam.

Assim, este edifício de habitação, embora aparentemente modesto na sua conceção, demonstra uma enorme complexidade no controlo da escala, do projeto, do pormenor e, sobretudo, no confronto entre as diferentes realidades em que se insere. Na verdade, a arquitetura é feita para as pessoas e por isso deve, em última instância, de responder a essa tão importante premissa.



funco, confinamento das condições de vida dos utentes que a não habitar pânico, sendo contudo, algo íngenuo e pouco credível. São utentes os alunos que intervêm neste processo que se toma do após do mais complexo e com novas intervenções que resistem a pensamento conhecido sobre o projeto e habitar e a cidade para uma nova dimensão.

O arquiteto, neste processo, move-se entre a produção do espaço para habitar e a especificação crítica da nova relação na habitar. Para o arquiteto, projeto é um processo material e instigador onde a toda teoria não parece ser, agora e novamente, a coisa mais prática de que se dispõe: foi nos edifícios e nos novos edifícios que o arquiteto, para arquiteto, deveria responder de modo a ser possível aproveitar o seu saber e a sua experiência de trabalho e de situações semelhantes.



É precisamente entre as coisas universais que a cidade do Cavaco (2005-2012) de João Paulo Loureiro se situa, apresentando a complexidade e a diversidade das dimensões do habitar, do projeto, da construção e do seu significado como agente que sabe, avalia e constrói, não só edifícios mas também estilos de vida e verdadeiros modos de habitar.

frente&verso



arquitetura e modos de construir



frente&verso

edifício de habitação
Cais do Cavaco
João Paulo Loureiro



editorial Carlos Horta Loureiro Lopes

Estratégias de pensar, ideias para o habitar

Projetar habitação coletiva em Portugal nestas últimas décadas tem permitido, a muitos arquitetos, desenvolver outras e diferentes possibilidades de utilização de espaços e funções comuns. Todos como intervenções nos programas de habitação convencionais. Quatro (para dormir, salas para socializar, cozinhas para cozinhar e banheiros para cuidar da higiene pessoal), levamos a dizer que o problema da casa passou a não existir e, nestas últimas décadas, sendo re-criado. Contudo, o que se verifica é que hoje a casa é algo quase inexistente se restringem mais à simples formas e funcionais do que propõem de uso e de significação da habitação.

Habitar é, hoje, um paradigma pouco sólido, capaz de explicar a própria instabilidade social, familiar, económica e de emprego que as estruturas sociais apresentam, cada vez mais voláteis e cada vez mais adaptados a uma mobilidade que se faz obsoleta e que se tornou um estilo de vida.

Genericamente – e é sempre a palavra genérica – podemos considerar que as habitações na atualidade tendem a reproduzir ou a incluir um sentido de comunicação de estilos de vida em vez de reproduzirem os modos de vida dos seus intervenientes ou utilizadores.

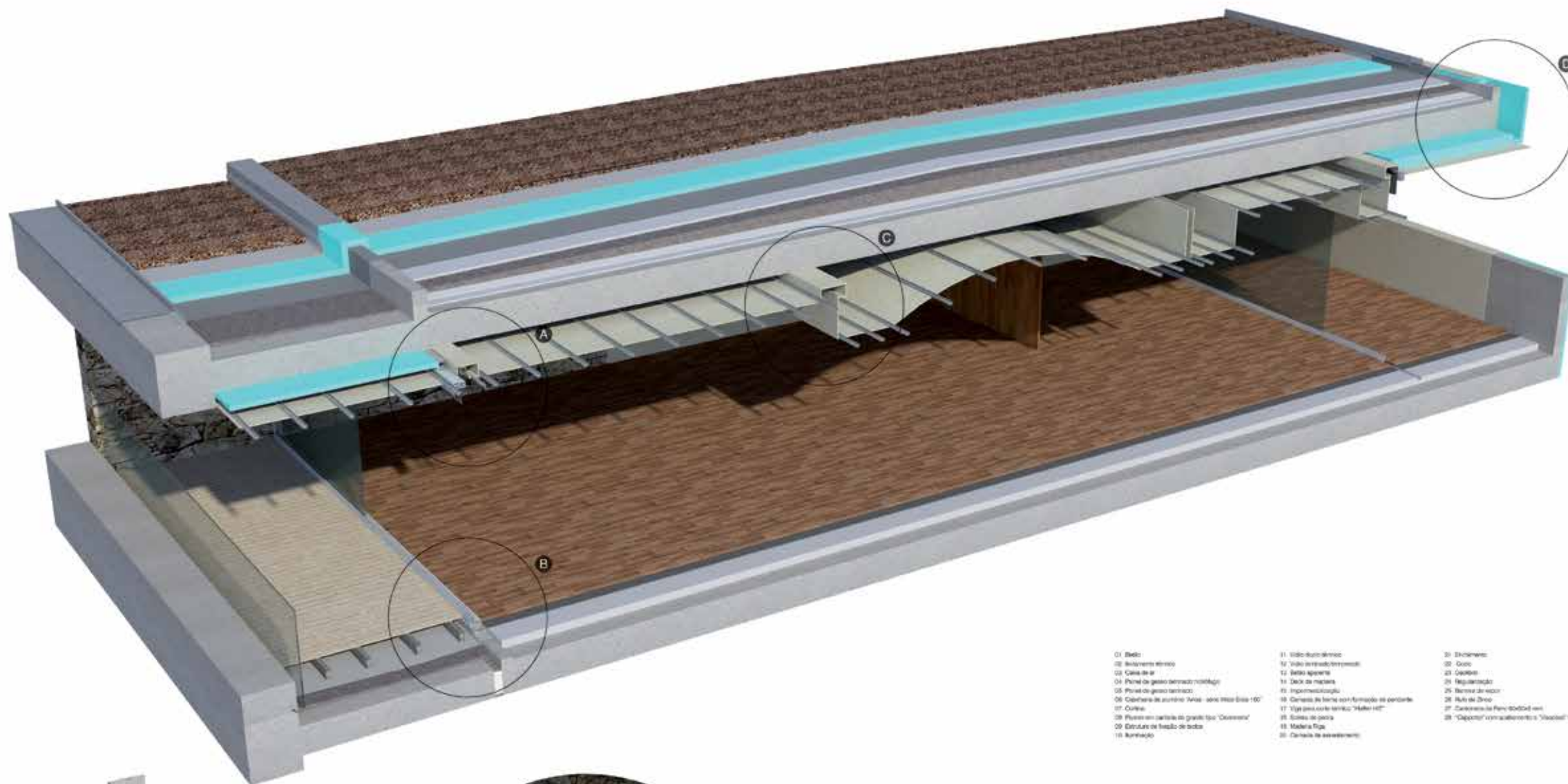
O estilo tem vindo a sobrepor-se de um modo autista e perfeitamente sobre os modos de vida dos utentes e, desse modo, parecemos que o habitar se transforma num processo de verbalização ou de aproximação a estereótipos conceptuais ou de comunicação, mais do que do conhecimento ou da pertinência da sua criação e da sua participação.

Por isso é frequente recebermos a proposta de “habitar” entre o “viver”, tempo e casa “entre o céu e a terra”, vivemos nos períodos, no tempo e no espaço transformado em pedra e cal. São valores os intangíveis que o marketing coloca à disposição do promotor para, de um modo por vezes mais, ou menos criativo, outros até mais, apresentar a casa como um produto ou um sistema de comunicação e de promoção que, desse modo, se torna significativamente do que os arquitetos geralmente pensam e que se em geral vemos para os seus projetos.

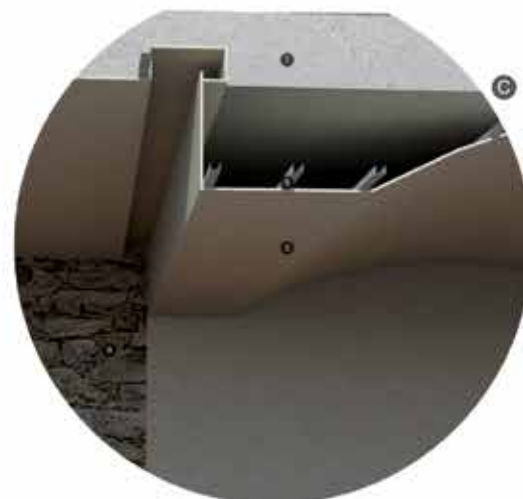
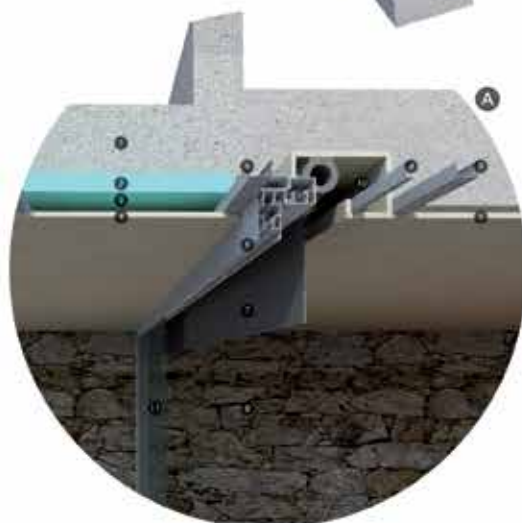
Para o arquiteto, o pensamento sobre o edifício de habitação traduz um novo tipo de valores e um outro tipo de problemas, que se colocam e que estão seguramente para além dos valores, conceitos e ideias estereótipos de encastamento ideológico em valores por fundamentalizar sempre, desde que o interesse quer e que o arquiteto, quantas vezes, não quer sequer saber.

“Habitar é, hoje, um paradigma pouco sólido, capaz de explicar a própria instabilidade social, familiar, económica e de emprego.”

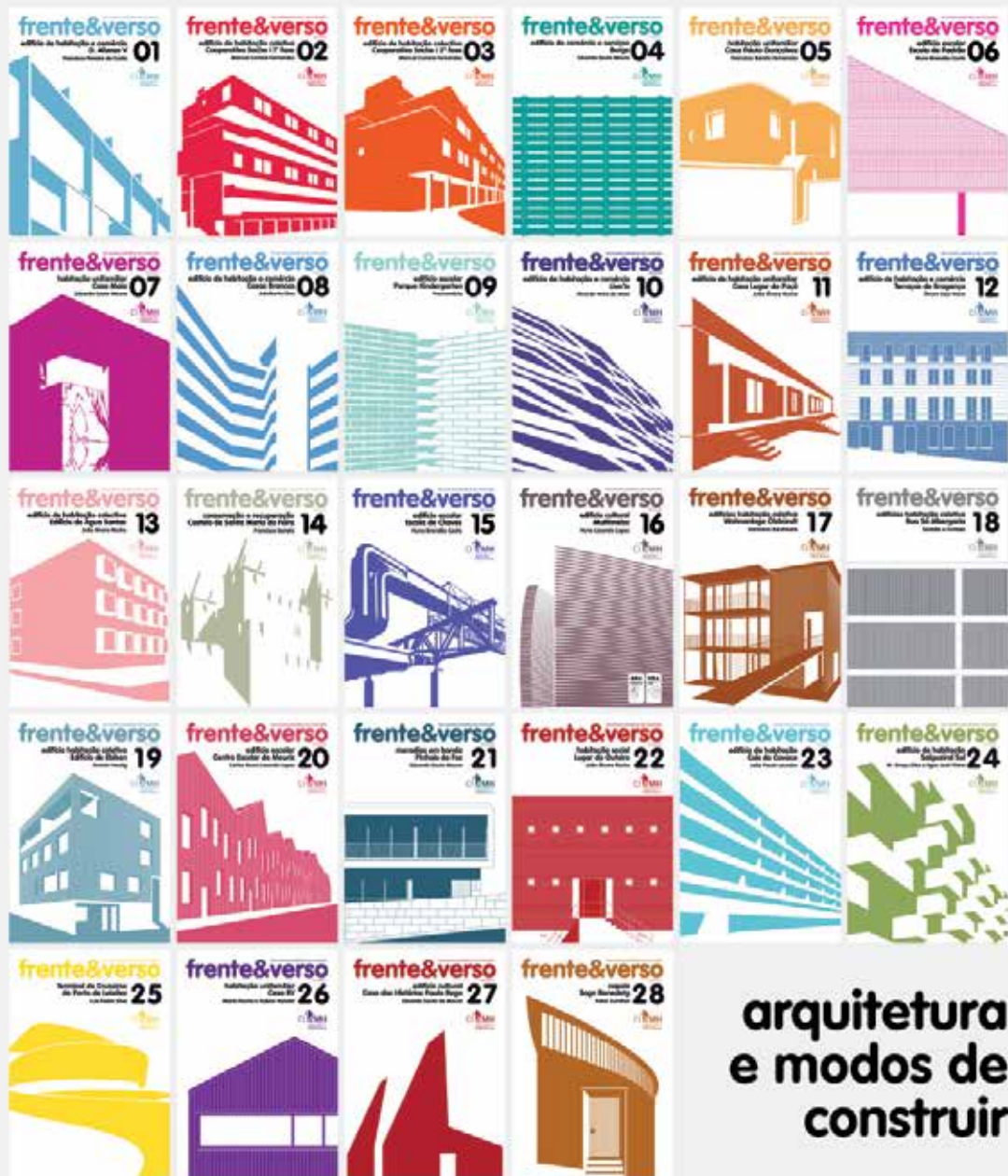
Ainda bem que há mundos diferentes e preocupações diferentes. O olhar do investidor tem na habitação uma expressão de reprodução e aumento dos valores do capital investido, o promotor pensa a casa de outro modo, o construtor vê a oportunidade e os modos de produzir, as possibilidades de utilização e de distribuição de materiais e sua gestão, e os novos reguladores, licenciadores e fiscalizadores têm uma visão de outros valores e de estratégias que obrigam a processos críticos e supérfluos, para que a “casa” se torne possível e mais tarde habitada. A casa de que os arquitetos devem existir é um pro-



- | | | |
|--|--|--|
| 01. Bedão | 11. Vão duplo alumínio | 21. Enclausuramento |
| 02. Isolamento térmico | 12. Vão triplo alumínio | 22. Curo |
| 03. Caixa de ar | 13. Bata aberta | 23. Caudrilho |
| 04. Paredão de gesso laminado moldado | 14. Deck de madeira | 24. Tapete |
| 05. Paredão de gesso laminado | 15. Impermeabilização | 25. Barreira de vapor |
| 06. Cobertura de alumínio Anodizado 100 | 16. Camada de betão com formação de ponteiro | 26. Rolo de Zinco |
| 07. Cofragem | 17. Viga de corte sintético "Mader 100" | 27. Camada de Peneirado |
| 08. Placa em cartão de gesso tipo "Quadrado" | 18. Seta de placa | 28. "Capote" com isolamento "Vibro" fino |
| 09. Estrutura de betão de betão | 19. Madeira frita | |
| 10. Armadura | 20. Camada de isolamento | |



frente&verso



arquitetura
e modos de
construir